

**O ato de ler como instrumento de emancipação humana: importância das práticas de
leitura na escola**

**The act of reading as an instrument of human emancipation: importance of reading
practices at school**

**El acto de leer como instrumento de emancipación humana: importancia de las
prácticas lectoras en la escuela**

Recebido: 21/08/2020 | Revisado: 02/09/2020 | Aceito: 04/09/2020 | Publicado: 06/09/2020

Kellen de Lima Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3793-2138>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: kellenlimasilva@hotmail.com

Juliana Cristina da Costa Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4475-2581>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: juliana.fernandes@ifgoiano.edu.br

Resumo

A leitura é um hábito importante que está intimamente ligado à vida em sociedade. É uma forma do indivíduo se relacionar com o mundo, permitindo o desenvolvimento do senso crítico, tornando-o capaz de perceber as várias vozes que ecoam no debate social. Nessa perspectiva, o ato de ler torna-se uma ferramenta de emancipação humana. Neste artigo, buscamos discorrer sobre a importância da prática de leitura para uma formação emancipatória, partindo das ideias de Freire que apontam a leitura como instrumento de emancipação humana e das teorias de Vygotsky, acerca da importância da interação social para apropriação do conhecimento, ressaltando o papel da escola neste processo. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, cuja opção metodológica foi a pesquisa bibliográfica, ancorada em leituras de autores que discutem sobre o tema. Foi possível concluir que a leitura é uma ferramenta indispensável para formação de sujeitos críticos e ativos, e que a escola possui um papel fundamental na consolidação da prática de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Práticas de leitura; Interação social; Emancipação humana.

Abstract

Reading is an important habit that is closely linked to life in society. It is a way for the individual to relate to the world, allowing the development of critical sense, making him able to perceive the various voices that echo in the social debate. In this perspective, the act of reading becomes a tool for human emancipation. In this article, we seek to discuss the importance of reading practice for an emancipatory formation, starting from Freire's ideas that point to reading as an instrument of human emancipation and Vygotsky's theories, about the importance of social interaction for the appropriation of knowledge, emphasizing the role of the school in this process. This research has a qualitative approach, whose methodological option was bibliographic research, anchored in readings by authors who discuss the topic. It was possible to conclude that reading is an indispensable tool for the formation of critical and active subjects, and that the school has a fundamental role in the consolidation of reading practice.

Keywords: Reading; Reading practices; Social interaction; Human emancipation.

Resumen

La lectura es un hábito importante que está íntimamente ligado a la vida en sociedad. Es una forma que tiene el individuo de relacionarse con el mundo, permitiendo el desarrollo del sentido crítico, haciéndole capaz de percibir las diversas voces que resuenan en el debate social. En esta perspectiva, el acto de leer se convierte en una herramienta de emancipación humana. En este artículo buscamos discutir la importancia del hábito de la lectura para una formación humana omnilateral, partiendo de las ideas de Freire que apuntan a la lectura como instrumento de emancipación humana y las teorías de Vygotsky sobre la importancia de la interacción social para la apropiación del conocimiento, enfatizando el papel de la escuela en este proceso. Esta investigación tiene un enfoque cualitativo, cuya opción metodológica fue la investigación bibliográfica, anclada en lecturas de autores que discuten el tema. Se pudo concluir que la lectura es una herramienta indispensable para la formación de sujetos críticos y activos y que la escuela tiene un papel fundamental en la consolidación del hábito lector.

Palabras clave: Lectura; Prácticas de lectura; Interacción social; Emancipación humana.

1. Introdução

O ato de ler é uma prática emancipadora, capaz de desenvolver a reflexão e a criticidade, ampliando a percepção de mundo dos indivíduos inseridos na sociedade. Ler abre as portas para

novos universos, dando ao leitor a capacidade de imersão em novos contextos, até então inexplorados. Assim como disse Monteiro Lobato: “quem mal lê, mal ouve, mal fala e mal vê”, ao ler o indivíduo dilata a sua possibilidade de “ser” no meio em que vive, podendo se tornar socialmente ativo.

Para Foucault (1994), o alcance à democracia e ao poder individual só pode ocorrer por meio do acesso à escrita e à leitura. Com o desenvolvimento da competência leitora, o indivíduo terá a capacidade de enxergar as várias facetas da sociedade e, a partir de tal visão, se posicionar de forma consciente, diante dos embates sociais. Nesse sentido, a leitura é uma ferramenta de poder, pois ela garante o exercício da democracia, permitindo que os indivíduos se libertem por meio da compreensão.

De acordo com Marx (1987), na luta em prol da emancipação social, a educação é uma ferramenta importante, capaz de libertar o homem das amarras da ignorância. Porém, para que a educação cumpra o seu papel, de trazer a liberdade, torna-se urgente trabalhar a leitura em nossas escolas, trazendo à luz uma nova prática. Nesta perspectiva, é necessário que haja uma reconfiguração no ensino da leitura, nas salas de aula.

Diante da importância da leitura para a educação, este artigo torna-se relevante, pois propõe uma reflexão sobre a necessidade dessa prática para construção de uma sociedade emancipada, composta por indivíduos ativos e críticos, e, também, acerca do papel da escola na construção do indivíduo leitor.

Para embasamento teórico, nos apoiamos nas concepções *freirianas* que apontam o ato de ler como ferramenta importante para emancipação social e nas ideias de Vygotsky (1988) e (1998), acerca da importância da interação social para apropriação do conhecimento, ressaltando que as práticas de leitura promovidas pela escola podem contribuir, ou não, para o nascer de leitores ativos. Discorreremos sobre a relação da leitura, em uma perspectiva emancipatória, evidenciando que as práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula possuem um papel relevante na formação de um leitor, destacando que investir em uma sociedade letrada será um importante caminho para emancipação humana.

Assim, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a importância da leitura, na formação dos indivíduos, como uma ferramenta essencial para emancipação humana. É uma forma do indivíduo se relacionar com o mundo, permitindo o desenvolvimento do senso crítico, tornando-o capaz de perceber as várias vozes que ecoam no debate social. Ressaltamos que o nascer deste hábito conta com a atuação da escola, que pode contribuir para a formação de leitores ao investir em práticas que despertem no estudante o gosto pela leitura.

2. Metodologia

Nesta pesquisa, optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, pois visa um aprofundamento sobre a leitura e suas múltiplas relações com a vida humana, ancorada em autores que discutem sobre a importância do ato de ler e a formação emancipatória.

Espírito Santo (1992, p.82) coloca que, para que haja o avanço da ciência, é relevante considerar o que já se sabe sobre o assunto “se cada pesquisador tivesse que começar seu trabalho a partir de zero conhecimento ou quase, não seria possível nenhum progresso científico.” Assim, a pesquisa bibliográfica, ou revisão da literatura, é um tipo de pesquisa que tem como objetivo conhecer, analisar e levantar as principais contribuições teóricas existentes, a respeito de um determinado tema, sendo importante um passo para estudos futuros.

Sobre a pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2002, p.15), “[...] aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações”. Ao tratarmos sobre o tema leitura, estamos adentrando no âmbito das relações humanas e sociais. Desta forma, a abordagem qualitativa é adequada a essa pesquisa, pois será analisado um fenômeno social, que são as práticas de leitura na escola, destacando a sua importância para emancipação do sujeito.

A pesquisa bibliográfica utilizou contribuições de Freire (1997), Vygotsky (1988, 1998), Zilberman (1986), Moreira (2006), Santos (2008), Diesel, Baldez & Martins (2017), Lerner (2002), Berbel (2011), Morán (2015), Santos, Riche & Teixeira (2012), Rodrigues (2002), Grossi (2008), dentre outros. O que possibilitou ao estudo definir os pressupostos teóricos e conceitos necessários para que houvesse a discussão sobre o tema. Esperamos que a pesquisa permita reflexões e ampliação dos conhecimentos sobre a leitura.

3. O Ato de Ler: uma leitura para além das letras

Segundo Vygotsky (1988a), os seres humanos são capazes de organizar e compreender instrumentos e sistemas de signos, cujo uso lhes permite transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. Diferentemente dos animais, sujeitos aos mecanismos instintivos de adaptação, os seres humanos criam e interagem por meio de códigos.

A leitura envolve mecanismos físicos, cognitivos, sociais e culturais que articulados permitem dominar o ato de ler. Conforme Dockrell e Mcshane (2000), ler envolve múltiplas

habilidades como reconhecer palavras, fazer inferências cognitivas que determinem o significado das palavras e frases, além de estabelecer seus significados dentro do contexto geral.

Assim, a leitura não se resume, simplesmente, em decodificar os símbolos linguísticos de uma determinada língua. Trata-se de um ato de natureza ampla e complexa. Ao ler, o leitor relaciona todo seu conhecimento de mundo, adquirido ao longo de uma experiência social, com o texto lido.

Para Freire (1997), o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, uma vez que a leitura reflexiva e crítica permite ao leitor ir além das marcas linguísticas. Trata-se, portanto, de ler o que está escrito e o que está pressuposto. Nessa concepção, temos a leitura como uma importante prática integradora com ação transformadora da realidade, pois permite ir além das linhas do texto.

Já Santos, Riche & Teixeira (2012) ponderam que aprender a ler é relacionar a experiência de mundo com o texto lido, agregando às palavras novos significados que vão além do que está sendo falado/escrito, por passar a fazer parte, também da experiência do leitor. Assim, a tarefa de ler não pode se restringir às séries iniciais, deve-se prolongar por toda jornada escolar e estender por toda vida social, sendo imprescindível ter como meta a formação de leitores, não meros “letores”, aqueles indivíduos que apenas decifram o código linguístico.

Ler é um ato social. Todos os seres humanos, imersos no contexto social, fazem o uso das variadas formas de leitura no seu dia a dia. Ao ler, o indivíduo precisa ser capaz de decodificar os símbolos, mas não só isso, ele precisa ser capaz de atribuir sentido ao texto lido e fazer conexões com o mundo que o rodeia.

Se ao ler um texto, o leitor não conseguir atribuir sentido, estará realizando uma leitura mecânica. É importante que a escola esteja atenta para o tipo de leitura que tem sido feita em suas salas, uma vez que segundo Vygotsky (1998a), a leitura puramente mecânica atrapalha a aquisição da cultura e o desenvolvimento dos processos psíquicos de reflexão e apropriação do conhecimento. O leitor precisa saber por que está lendo, com que finalidade, o que buscar na leitura e como fazê-la para que essa atividade não seja apenas uma prática mecânica. Essa clareza permitirá ao aluno atribuir sentido a sua prática e, assim, poderá relacionar o ato de ler com a vida social.

Vygotsky (1998b) esclarece que o leitor que apenas aprende a grafar as letras e codificar palavras, ainda não consegue atribuir sentido ao texto. Portanto, não se apropriou da leitura, pois a transformação da palavra escrita em som não passa de uma atividade mecânica de decodificação de símbolos. Visto que não promove a reflexão, não desenvolvendo o senso crítico.

O fato da criança aprender a ler e a escrever, não faz com que esta tenha o domínio da língua escrita, de fato, isso só ocorre quando a criança consegue atribuir sentido ao texto. Ou seja, ela só terá o domínio da língua quando for capaz de ler as linhas e as entrelinhas do texto, refletindo ativamente sobre o que leu estabelecendo pontes entre o texto e o ambiente social que a circunda.

O aprendizado da leitura e da escrita, não garante um aluno leitor. Tornar-se um leitor será possível quando o aluno descobrir, por meio de suas experiências, o gosto pela leitura e usufruir dos seus benefícios, tendo uma clareza maior dos fatos, uma capacidade de compreender melhor e de se expressar, sendo mais crítico, questionador, capaz de formular hipóteses, de argumentar com mais propriedade e confiança.

4. A Leitura e o seu Poder de Transformação Social

Para Freire (1997), a emancipação significa uma grande conquista política que só pode se manter na *práxis* humana como luta contínua em prol da libertação dos indivíduos. Não se pode falar em emancipação, no pensamento de Freire, sem que se fale da relação entre política, educação e emancipação.

A educação tem um importante papel na transformação social, a sociedade não seguirá caminhos diferentes se não produzir indivíduos pensantes, capazes de entender o mundo em que vivem e promover por meio de suas ações a transformação da sociedade. Nessa perspectiva, “a leitura é essencial porque transforma as pessoas, suas vidas, a maneira de ver e entender o mundo. Ela deveria ser um hábito, uma herança intelectual” (Rodrigues, 2002, p. 95). Assim, a educação possui um papel ímpar na construção do ser, tendo ela a capacidade de se tornar uma importante máquina na produção de intelecto social.

Segundo Grossi (2008), os livros são essenciais para proporcionar o contato com o desconhecido. Pessoas que possuem o hábito de ler são necessárias às relações sociais do planeta, pois por meio da leitura, o indivíduo consegue ter contato com outras culturas, ultrapassando o conhecimento do seu círculo cultural e familiar, sendo, portanto, um ato importante para manutenção do mundo globalizado em que vivemos. Para o autor, pessoas não leitoras são privadas de ultrapassar horizontes, estando restritas às comunicações orais das ideias dos que compõem o seu círculo de relações.

Arana & Klebis (2015) afirmam que ao ler, novas opiniões surgem acerca daquele tema, podendo ocorrer este processo em várias esferas da sociedade, de assuntos banais a assuntos complexos do dia a dia. Sendo assim, se o indivíduo tiver uma relação íntima com a leitura

desde a tenra idade, certamente será um adulto ativo, reflexivo e crítico, porém o indivíduo que não lê, não terá experiências diversificadas para formar novas opiniões, propenso a ficar restrito a ideias pré-concebidas e massificadas.

Nesse sentido, Candido (2004) acrescenta que a literatura possui função humanizadora, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2004, p. 176-180). A literatura possui um grande papel social, pois é capaz de atuar sobre a realidade, sendo também fruto dela. Em todas as suas esferas é um direito inquestionável e fundamental.

O homem enquanto ser social, lida com a leitura em todos os ambientes sociais que o circunda. É possível ler imagens, expressões, tempo, tom de voz e muito mais. Podemos compreender a leitura como algo amplamente social, pois vivemos imersos na leitura. Diante disso, é importante que o ato de ler assuma no contexto da sala de aula a mesma funcionalidade que existe no ambiente social. Ao ter contato com a leitura, o aluno precisa reconhecer que ela é algo inerente ao ser humano social, é preciso que ele perceba aquela prática como algo significativo para sua vida.

Para Freire (1991), o ato de ler vai além do domínio do código escrito, sendo seu significado muito mais abrangente. O ato de ler possibilita uma leitura crítica da realidade, representando um importante instrumento de resgate da cidadania, reforçando o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

Possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (Freire, 1991, p. 68).

Partindo desta “ressignificação do ato de ler” na escola, o aluno poderá ser capaz de compreender melhor o mundo através das janelas abertas pela leitura. Ler, além da decodificação, inclui agregar sentido, agregar sentido remete à reflexão, reflexão gera conscientização. Para Freire (1989), não pode ser possível haver conscientização fora da *práxis*, ou melhor, sem o processo de ação-reflexão.

A conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na

história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (Freire, 1989, p.26).

Ao ler, o sujeito é convidado a refletir sobre múltiplas realidades e nessa reflexão ocorre a conscientização. Para Freire (1989), a consciência está relacionada com a capacidade de compreender as relações sociais e agir sobre elas, tornando-se ativo no mundo. Não há educação transformadora sem *práxis* e sem práticas integradoras que sejam capazes de transformar o papel do “aluno-cidadão”, o tirando da passividade para o centro do processo de aprendizagem e da vida social.

5. A Necessidade da Leitura como Prática Viva nas Salas de Aula

Segundo Silva (1992), as atividades que envolvem a leitura estão presentes em todos os níveis educacionais. Esse contato se inicia ainda nas primeiras séries, onde ocorre o processo de alfabetização, se estendendo por toda jornada escolar do aluno, que segue encontrando os livros-textos em todas as séries e níveis de ensino, entretanto, o autor destaca que esse contato constante com os livros-textos em sala de aula não tem garantido o nascer de leitores.

Para Lerner (2002), ensinar a ler e escrever são os principais desafios da escola atual, que ultrapassam a mera alfabetização. O grande desafio é incorporar a leitura à vida dos alunos, é de conseguir que todos cheguem a pertencer à comunidade de leitores e, conseqüentemente, de escritores. E que essa prática possa ser algo natural e significativo no contexto escolar para que possa se estender para vida.

De acordo com Vygotsky (1998b), a aquisição do hábito de ler é algo construído e adquirido a partir das relações sociais, não se tratando de algo natural do ser humano. A capacidade para desenvolvê-la dependerá das relações sociais e culturais desenvolvidas por cada indivíduo. Nesse sentido, a escola é fundamental por ser um espaço social de proliferação de ideias e saber, ideal para o desenvolvimento da leitura.

Segundo Vygotsky (1998b), nos formamos nas relações sociais, mediadas pela cultura e pela linguagem. Assim, podemos afirmar que quanto mais ricas e diversificadas forem as práticas de aprendizagem utilizadas pela escola, maiores serão as possibilidades dos alunos se desenvolverem, de ampliarem e alargarem suas funções psicológicas, visando uma formação humana integral.

Diante do exposto, é possível perceber o papel da escola na tarefa de formar leitores, sendo ela um importante espaço social destinado a promover aprendizagem. Zilberman (1986) afirma que se a leitura tem problemas, não havendo a consolidação de leitores, é porque existe

algo de errado na maneira como a escola a tem ensinado. A autora adverte que a leitura apresentada nas salas de aula tem sido fragmentada, na maioria das vezes, puramente vinculada ao livro didático, que investe em apresentar aos alunos apenas trechos descontextualizados de obras canonizadas. Em suma, o aluno é privado de conhecer o real sentido da leitura e, assim, a herança da falta do hábito de ler é perpetuada.

Ainda segundo a autora, repensar o ensino da Língua Portuguesa é algo urgente, é preciso reestruturar a maneira como a literatura chega até aos alunos, pois é possível que o ensino atual esteja provocando reações contrárias, as desejadas, em relação ao incentivo à leitura, contribuindo para destruir os leitores, antes mesmo que eles nasçam.

De acordo com Ferrarezzi (2017), a escola constantemente investe em práticas de leitura imbecilizadas que destroem inteligências e, conseqüentemente, o leitor. Tais práticas acabam levando o aluno para bem longe do universo leitor. Esse distanciamento da leitura, ainda de acordo com o autor, não preocupa os governantes brasileiros, uma vez que as práticas de leitura inteligentes e o livro não são uma prioridade no ambiente educacional, pois “o livro pode ser perigoso, porque este instrui, educa, civiliza e isso não interessa em um país que a velha política ainda ‘nada de braçada’ no lago da ignorância nacional.” (Ferrarezi, 2017, p. 88).

Assim, a leitura deixa de cumprir sua função transformadora, pois se reduz a uma prática limitada e imbecilizada, sem possibilidade de reflexão. Essa leitura apresentada aos alunos influenciará diretamente no conceito de leitura que o aluno carregará ao longo da vida, refletindo na qualidade da leitura e na sociedade.

Segundo Smolka (1998), a palavra impressa no papel não representa um fim em si mesma. O indivíduo ao ler estabelece uma relação com as ideias do autor, a partir do texto novas ideias são construídas. O indivíduo aprende a ouvir, a falar, a escrever por meio da escrita, mas esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer, pois somente na prática que haverá a consolidação da aprendizagem. A prática da leitura, em sala de aula, é fundamental para consolidação do hábito. Contudo, torna-se imprescindível fazer com que essa prática se torne algo atrativo e coerente com o mundo do aluno.

Vygotsky (1998c) critica o ensino mecânico da leitura, designando esse processo mecânico como estéril e improdutivo. O autor afirma que é de extrema necessidade mostrar ao aluno que ler e escrever são práticas necessárias a sua vida social. Ao relacionar estas práticas da sala de aula com o cotidiano do aluno, a escola será capaz de atribuir sentido ao ato de ler e reconhecerá a conexão entre o texto e a interação social.

Ainda o autor Vygostky (1998a) esclarece que a leitura não é algo só cognitivo é também social. Sendo construído ao longo das relações humanas, como uma grande teia de sentidos e

de conhecimentos. Entretanto, para que essas relações ocorram, faz-se necessário que a escola trabalhe a leitura, utilizando práticas de leitura, em sala de aula, que promovam uma aprendizagem significativa, pautada nas relações sociais, visando consolidar o hábito da leitura.

Ausubel (1982) considera que para que a aprendizagem realmente ocorra, de forma efetiva, torna-se necessário partir do que o aluno já sabe para construção de novos conhecimentos, ou seja, não se pode desconsiderar o mundo do educando e suas experiências adquiridas no meio social. O autor defende que o ponto de partida para uma aprendizagem significativa é sempre o conhecimento prévio do aluno. Se o conteúdo não for significativo, ele será armazenado de maneira isolada, podendo ser facilmente esquecido, pois não haverá conexão, não fez sentido, ocorrendo apenas a aprendizagem mecânica.

Nesse sentido, Moreira (2006, p. 38) nos diz que “a aprendizagem significativa é o processo por meio do qual, novas informações adquirem significado por interação (não associação) com aspectos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva”. O novo conhecimento deve ter significado para o aluno, para que ele possa estar disposto a aprender e somar o novo conhecimento ao já adquirido.

Para Santos (2008), a aprendizagem só ocorrerá se quatro condições básicas forem atendidas, sendo elas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com diferentes contextos. Sendo assim, para que o educador contribua na formação de leitores na sala de aula, torna-se necessário investir em práticas interessantes para os seus educandos, trabalhar com textos relevantes para que possam ser compartilhados em outras experiências (além da escola) e tornar a sala de aula um ambiente altamente estimulante para a aprendizagem.

Diesel, Baldez & Martins (2017) afirmam que é de extrema relevância que os professores busquem novas metodologias de ensino que promovam a formação crítica, reflexiva e autônoma dos estudantes. Essas metodologias podem ajudar a despertar o aluno para o hábito de ler, pois visam tornar o aluno protagonista da sua própria aprendizagem, e a leitura precisa ser trabalhada de forma ativa e reflexiva para que possa fazer sentido ao aluno.

Para Lerner (2002), a escola precisa ser um lugar onde a leitura e a escrita sejam práticas vivas e vitais, onde o ato de ler e escrever sejam vistos como instrumentos poderosos para aprendizagem. Não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todo âmbito educacional, é preciso reconhecer que, por meio dela, o indivíduo pode pensar, repensar e transformar o mundo em que vive. Promovendo a reflexão sobre o próprio pensamento, sobre o seu lugar e função na sociedade.

Berbel (2011) diz que desenvolver atividades nas quais os alunos possam ser ativos é essencial para aprendizagem. Quando há a oportunidade de escuta, a valorização de suas opiniões, exercícios de empatia, os encorajando a tomar decisões, estamos diante de ações que favorecem a motivação e a autonomia, contribuindo para ampliar as possibilidades de aprendizagem. Tais caminhos escolhidos pelos docentes são metodologias ativas, pois o objetivo principal é o estudante ativo na ação educativa.

Segundo Pereira, Shitsuka, Parreira & Shitsuka (2018), quando o aluno trabalha de forma ativa, interessado e motivado, até uma atividade, aparentemente, passiva como a leitura de um livro, pode se tornar algo ativo. Ainda de acordo com os autores, cabe aos professores escolherem caminhos que leve o aluno ao melhor aprendizado, para que haja o incentivo à autonomia e, para tal, o docente precisa estar preparado para trabalhar de modo participativo e democrático.

De acordo com Morán (2015), as metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, pois aprendemos melhor quando a metodologia de ensino de ensino é ativa e os alunos são proativos. Segundo o autor é mais fácil aprender por meio de jogos, atividades práticas, projetos relevantes combinando colaboração (aprender juntos) e personalização (gerenciar e os percursos individuais) são caminhos para tornar o aluno mais ativo, protagonista e a aprendizagem se torna algo mais rico e estimulante. O autor acrescenta que as metodologias ativas são de extrema relevância para superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele.

Para Silva (2009), ler além das letras, percebendo as intencionalidades, o sentido conotativo e o conteúdo metafórico, constitui a dificuldade e a grandeza da leitura. Para a autora, reconhecer o não dito é tarefa que mobiliza o leitor, que o deixa em estado de atenção, o que torna a leitura um processo eminentemente ativo. Ainda de acordo com a autora, ler as entrelinhas de um texto, desvendar as suas intencionalidades, descobrir o que está implícito é tarefa instigante e prazerosa, e isso precisa ser apresentado aos alunos.

Anastasiou (2006) reforça essa ideia ao acrescentar que é essencial conhecer melhor quem são os educandos, considerando que estes são seres humanos dotados de sonhos, aspirações e até desesperanças e a partir deste olhar, planejar atividades que os instiguem a aprender, para que eles se sintam convocados a “fazer aulas” com o professor. Esse olhar, desperta no aluno o sentimento de “pertencimento”, ele se torna agente no seu processo de aprendizagem.

Para Freire (1997), o educador deve reconhecer o educando como alguém ativo e com conhecimentos prévios, advindos do seu conhecimento de mundo, contrariando, assim, a função

do educador bancário. O autor defende a realização de uma educação libertadora, em que o educador precisa reconhecer, primeiro, nos educandos que estes não são folhas em branco; esse reconhecimento é o primeiro passo para uma educação libertadora.

A educação libertadora ocorre a partir do reconhecimento do educando como um sujeito, agente do processo educativo, que é movido por seus interesses, que faz escolhas, que age com intencionalidade e dá sentido humano ao mundo. Diante desse ideal de educação *freiriana*, é possível perceber a urgência em se pensar em práticas de leitura que valorizem o conhecimento de mundo do aluno, para que o ato de ler faça sentido, de acordo com a sua realidade.

Diante do exposto, a leitura pode ser considerada como uma ferramenta essencial na sala de aula, ela é responsável pelo desenvolvimento intelectual e social dos educandos. Todavia, é fundamental proporcionar ao aluno condições para que desenvolva hábitos de leitura naturalmente, pelo simples prazer da leitura:

(...) a metodologia alfabetizadora exerce uma função de identificação. A questão do educando precisar da contribuição do educador, assim, como se estabelece em outras relações pedagógicas, não deve fazer desta experiência menos criativa e responsável na aquisição do conhecimento da escrita e da leitura, não se deve estar nula. (Freire, 1989, p.28,29).

A leitura precisa ser entendida como elemento indispensável na edificação do saber. O âmbito educacional como espaço de aprendizagem precisa difundir a ideia de que ler é algo comum, é ferramenta de acesso ao saber e cabe em todas as disciplinas. Ler é um fenômeno social, faz parte da vida do ser humano e precisa fazer parte das práticas de sala de aula.

Brito (2012) esclarece que o ensino da leitura é fundamental não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas. A leitura possui um caráter transdisciplinar na aprendizagem, por ser uma ferramenta de acesso a todas as áreas do saber, sendo, também, uma possibilidade de compreender novas realidades.

Assim, temos a escola como o palco ideal para a concretização das práticas de leitura, oportunizando ao professor assumir a posição desafiadora de mediador de construção de sentido, contribuindo para a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, para a emancipação social pretendida.

6. Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo propor a reflexão sobre a importância da prática da leitura para uma formação emancipatória, destacando o papel fundamental da escola, pois ela é um espaço social que promove o saber. Ao relacionarmos a emancipação social apontada por Freire (2002) com a leitura e sua importância na escola, estamos nos reportando ao processo de libertação política, cultural, humana e social, por meio da educação. Porém, a educação capaz de promover essa libertação e a transformação social, perpassa pela educação libertadora, a qual coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, promovendo a reflexão e a ação. Contudo, essa educação deverá promover habilidades para a compreensão leitora, que contribuam com uma formação autônoma, em que os estudantes sejam capazes de compreender e interpretar de forma proficiente os textos que circulam em nosso meio.

A educação libertadora, capaz de libertar o indivíduo da ignorância, o formando em sua totalidade, para ser um ser humano integral, precisa ter a leitura como princípio basilar. Visto que ler abre as portas para conscientização e reflexão, levando os indivíduos a enxergarem as várias nuances da sociedade. Lê-se as letras, para aprender a ler o mundo, esse é o real sentido da leitura.

Neste sentido, a escola em sua prática educativa, precisa investir em atividades que promovam a “ressignificação” e a fomentação do ato de ler, por meio de ações que possam se estender para além dos muros da escola, formando uma sociedade mais crítica, erguida sob a égide de uma educação libertadora, capaz de promover a emancipação de um povo pelo conhecimento.

Diante da importância da leitura para emancipação humana, destacamos a necessidade de outros estudos que possam possibilitar a reflexão acerca do tema, sobretudo a respeito das estratégias de leitura, metodologias ativas e aprendizagem significativa no contexto das práticas de leituras em sala de aula. Tais estudos podem contribuir com a leitura no âmbito escolar, podendo ser caminhos importantes para a “ressignificação” do ato de ler.

Referências

Arana, A. R. A., & Klebis, A. B. S. O (2019). A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno. *Educere XII Congresso Nacional de educação*: PUC-PR, 2015. Recuperado de https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf.

Anastasiou, L., das G. C., & Alves, L. P.(orgs.) (2006). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em sala de aula*. 6ed. – Joinville, SC: Univille.

Ausubel, D. P. (1982). *A Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo, Moraes.

Berbel, N. (2011). *As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes*. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, 32(1), 25-40, jan./jun.

Brito, L. P. (2012). *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas: Mercado das Letras.

Cândido, A. (2004). *O direito à literatura*. In:Cândido A. Vários escritos. Rio de Janeiro: Duas Cidades.

Diesel, A., Baldez, A. L. S., & Martins, S. N. (2017). *Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica*. *Revista Thema*, 14(1), 2017, 268-88.

Dockrell, J., & Mcshane, J. (2000). *Crianças com dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Espírito Santo, A. (1992). *Delineamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. P. 176.

Ferrarezi, C. J., & Carvalho, R. S. (2017). *De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial.

Foucambert, J. (1994). *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Freire, P. (1989). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. (3a ed.), São Paulo: Moraes.

Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Primavera.

Freire, P. (1997). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.

Freire, P. (2002). *Pedagogia do Oprimido*. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro. (34a ed.).

Grossi, G. (2008). P. *Leitura e sustentabilidade*. Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18.

Lerner, D. (2002). *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre. Artmed.

Luria, A. R., & Leontiev, A. N.(1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Paulo: Ícone: EDUSP.

Marx, K. (1987). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural.

Minayo, M. C. S. (Org.) (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Morán, J. (2015). *Mudando a educação com metodologias ativas*. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II, PG: Foca FotoPROEX/UEPG.

Moreira, M. A. (2006). *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Rodrigues, C. L. F. (2002). *O Leitor e o professor: um encontro nas histórias de leitura*. São Paulo: Altana.

Santos, J. C. F. dos. (2008). *Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. Porto Alegre: Mediação.

Santos, L. W.; Riche, R. C., & Teixeira, C. S. (2012). *Análise e Produção de Textos*. São Paulo: Contexto.

Silva, E. T. (1992). *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez.

Silva, V. M. T. (2009). *Leitura Literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ.

Smolka, A. L. B. (1998). *Esboço de uma perspectiva teórico-metodológica no estudo de processos de construção de conhecimento*. In: Góes, M. C. R., & Smolka, A. L. B. (Org.). *A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação*. Campinas: Papirus.

Vygotsky, L. S. (1998a) *A Formação social da mente*. São Paulo: M. Fontes.

Vygotsky, L. S. (1998b). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes.

Vygotsky, L. S. (1998c). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: M. Fontes.

Vygotsky, L. S. (1988). *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar*. In: Vygotsky, L. S., Luria, A. R., Leontiev, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Paulo: Ícone: Edusp.

Zilberman, R. (1986) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. (7a ed.). Porto Alegre: Mercado Aberto.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Kellen de Lima Silva - 70%

Juliana Cristina Fernandes da Costa - 30%